

“a minha espinha estava bem no ponto exato do nível do seu rosto, que expressava um ódio concentrado”. Ele encarou isso como “um caso muito claro de praga telepática”. O doutor Ehrenwald, em resposta a Shaw, escreveu perguntando se alguma corrente de ar, na plataforma de conferências, poderia ter causado o seu distúrbio. Na volta do correio, chegou um cartão postal contendo uma mensagem de cinco palavras: “Não havia corrente de ar”. Quando se tratava de coisas que aconteciam diretamente com sua pessoa, até Bernard Shaw punha, com firmeza, o ceticismo em seu devido lugar.

Crença e ceticismo rivalizaram-se mutuamente nas vidas de muitos homens de importância, que anotaram experiências psíquicas ou que demonstraram uma fascinação fora do comum pelo chamado “oculto”. Provas invulgares, tais como impressões telepáticas e sonhos proféticos, parecem fazer parte da vida diária. Embora elas aconteçam com quase todo mundo, a maioria das pessoas é incapaz de lembrá-las; nossa cultura condicionou-nos a ignorar o fantástico, como se fosse algo doentio ou aterrador, embora ele pareça impregnar a civilização de nossos dias, assim como o fez em culturas anteriores.

Alguns acontecimentos psíquicos são inigualáveis em seu impacto dramático. Eles podem transformar, por completo, o modo de pensar de um homem, sobre a vida; podem amedrontá-lo a ponto de fazê-lo recuar diante de tudo aquilo que é inexplicável; ou podem despertar sua curiosidade levando-o a procurar um conhecimento mais profundo das faculdades extra-sensoriais. Existe um interesse redobrado quando tais acontecimentos, fora do comum, sucedem com pessoas que adquiriram importância por suas realizações na vida pública: filósofos, psicólogos, homens de estado, escritores notáveis e outros. Estes homens, em sua maioria, não são diferentes das pessoas que exercem outras profissões. Selecionei-os, neste livro, por duas razões: eles têm a possibilidade de ser mais descritivos ao recordar suas experiências e, tendo sido treinados a observar e anotar os acontecimentos de maneira profissional, terão menor probabilidade de distorcê-los.

O desprezo de George Bernard Shaw, por homens tais como Conan Doyle, em contraste com sua crença evidente naquilo que o doutor Ehrenwald chamou de “feitiço lançado pela senhora de olhos malignos”, caracteriza a escala de emoções que são provocadas pelos encontros com o Desconhecido.

Daniel D. Howe

Estes encontros assumem muitas formas: telepatia ou clarividência, aparente contato com espíritos de pessoas mortas, previsão de acontecimentos que estão para suceder, aparições espectrais e uma multidão de impressões extra-sensoriais. Os homens, cujas experiências são relatadas neste livro e que, de um modo ou de outro, “conheceram o Desconhecido”, causaram impacto na história da nossa civilização. Suas experiências não podem ser arredadas levemente, embora a maioria dos biógrafos demonstre a tendência de embarçar-se ou perturbar-se ante os pecadilhos psíquicos dos seus biografados.

Na verdade, dentro de nossa estrutura cultural é difícil aceitar o fato de que Sócrates foi guiado por uma voz imaterial, de que Abraham Lincoln assistia a sessões espíritas, de que Victor Hugo passou dois anos convencido de que falava com fantasmas, de que Elizabeth e Robert Browning brigaram, a vida toda, a respeito das qualidades ou vícios de um médium, de que August Strindberg acreditava em sexo por telepatia, de que W. B. Yeats gastou anos decifrando complexas “mensagens espirituais”, de que a vida de C. G. Jung foi juncada de provas psíquicas e de que até mesmo Freud descobriu que possuía dons telepáticos. Aldous Huxley ficou intrigado com a idéia de que as drogas alucinógenas poderiam intensificar a percepção extra-sensorial. Upton Sinclair realizou experiências com transmissão telepática. Thomas Mann usou, em suas novelas, experimentos vividos em sua própria sala de sessões espíritas e o primeiro-ministro canadense, Mackenzie King, visitou médiuns espíritas durante toda a sua vida.

Uma razão para este livro é a incapacidade, revelada pelos biógrafos comuns, de integrar material referente a assuntos psíquicos em seus relatos. O *New York Times*, por exemplo, nos obituários do seu próprio redator científico, Waldemar Kaempffert, do inventor do processo Xerox, Chester F. Carlson e do filósofo C. J. Ducasse, esqueceu-se de demonstrar interesse pelo paranormal. Esta falha é duplicada no caso dos biógrafos que não precisam trabalhar às pressas, de olho na hora de fechar o expediente do jornal. Ou eles desejam proteger seus biografados contra o estigma da excentricidade ou ficam tão desconcertados ante essas peculiaridades que preferem ignorá-las completamente.

Os experimentos registrados neste volume — todos relacionados com personalidades que já não estão vivas —, ao mesmo